

ACM quer seu filho na Presidência

Com a vitória assegurada em Salvador, ele faz planos de futuro para Luís Eduardo

por César Felício
de Salvador

Com a vitória do PFL nas eleições municipais em Salvador praticamente assegurada, o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) já articula o plano estratégico de seu grupo político para tentar chegar à presidência no ano 2002. No próximo ano, se tudo correr conforme ACM planeja, ele estará na presidência do Senado e seu filho, o atual presidente da Câmara Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), ocupará um ministério de peso na equipe do presidente Fernando Henrique Cardoso. Em 1998, o carlismo trabalhará para a reeleição de FHC e para a eleição de Luís Eduardo para o governo baiano. Quatro anos depois, Luís Eduardo tenta a presidência da República com ou sem o apoio de Fernando Henrique.

“Sou um realista. Não posso mais pensar em viabilizar a minha própria candidatura”, diz ACM, acrescentando que, para ele, a grande chance se deu em 1989”. “Naquela época, quando eu era ministro das Comunicações, tinha as condições necessárias para me articular como sucessor do então presidente José Sarney, e confesso que cheguei a pensar nisto. Mas o rumo que o governo tomou impedia que uma candidatura situacionista tivesse chances de ganhar”, afirmou.

Para o filho, segundo ACM, as perspectivas são melhores. “Ao contrário de mim, que me firmei primeiro como político regional e depois ganhei o cenário nacional, Luís Eduar-

do foi um deputado federal de expressão nacional já em seu primeiro mandato. E, neste sentido, ele é muito melhor do que eu. Falta a ele apenas a experiência administrativa. Se depender de mim, ele será o próximo governador da Bahia”, comenta. Em 2002 na visão do senador, “o governo Fernando Henrique já estará com o desgaste natural de oito anos de administração e seu peso na sucessão poderá não ser decisivo. O PFL tem que se preparar para concorrer sem a atual aliança”.

A vitória do candidato do PFL em Salvador, Antônio Imbassahy, é importante porque pela primeira vez ACM terá o domínio completo do Estado. Ainda que o partido tenha ganho na capital baiana nas eleições para governador em 90 e 94, a oposição ao carlismo sempre ganhou as eleições para prefeito em Salvador. Em 1985, o ex-carlista Mário Kertesz, então no PDT, derrotou o carlista Edvaldo Brito, que estava no PTB. Em 1988, Fernando José, do PSC, bateu Manoel Castro, do PFL. Em 1992, Manoel Castro foi novamente derrotado, pela atual prefeita, Lidice da Mata (PSDB).

A menos de uma semana da eleição, o pefelista Imbassahy oscila entre 45 e 55% nas pesquisas, e deve ser o vencedor ainda no primeiro turno. Com isso, ACM assegura uma frente de apoio que se estende a todos os senadores, a maior parte da bancada federal na Câmara, a maioria absoluta na Assem-



Antônio Carlos Magalhães

bléia Legislativa e a um poder judiciário local simpático ao PFL.

Na opinião do senador baiano, tanto poder concentrado tem duas razões básicas: a evolução econômica do Estado nos últimos 30 anos e os erros de seus adversários. “A implantação do pólo petroquímico de Camaçari, entre as décadas de 60 e 70, rompeu a imagem da Bahia como um estado agropastoril e possibilitou a quebra das oligarquias rurais”, fala ACM sobre o primeiro fator. Acrescenta em seguida que “todos os que me cercam, do governador Paulo Souto ao líder do governo na Câmara Benito Gama, passando pelo senador Waldeck Ornellas, pelos deputados federais José Carlos Aleluia e Manoel Castro, pelo ministro das Minas e Energia Raimundo Brito e pelo próprio Imbassahy, são de técnicos que ingressaram na

política por meu intermédio, sem vinculação com as antigas famílias que mandavam no Estado”.

A decorrência disto, segundo ACM, é que os protagonistas de seu grupo político não têm base eleitoral própria para tentar um vóo autônomo. “A base de todos eles é minha. Eles, se quiserem, podem romper, mas não levam os votos”, diz o senador. Este domínio contou com a ajuda também do comportamento dos outros agentes da política baiana. “O governador Waldir Pires se enterrou politicamente quando renunciou em favor de Nilo Coelho, em 1989, para disputar a vice-presidência da República. Outros ex-governadores, como Roberto Santos, Antônio Balbino e Juracy Magalhães, não prepararam sucessores”, comentou ACM.

A explicação dos adversários, obviamente, é diferente. “ACM só se tornou realmente o que é hoje graças à manipulação política que promoveu com a distribuição de concessões de rádio e TV quando era ministro das Comunicações. A própria concessão que ele detém para retransmitir a Globo em Salvador foi obtida nesta época, com o uso de sua força política”, diz o ex-governador Waldir Pires, que contesta judicialmente o enterro político anunciado por ACM. “Todos sabem na Bahia que eu ganhei a eleição para o Senado em 1994. A vitória me foi tirada na apuração, com a conivência do Tribunal Regional Eleitoral (TRE), que é inteiramente controlado por ele”, afirma Waldir.